

ROMANCE HISTÓRICO OU HISTÓRIA ROMANCEADA? UMA DISCUSSÃO SOBRE *MARIANA*, DE AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR

HISTORICAL ROMANCE OR ROMANTICIZED HISTORY? A DISCUSSION ON *MARIANA*, BY AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR

Tatiana Mol Gonçalves¹

Universidade Federal de Ouro Preto
<https://orcid.org/0000-0003-0591-1404>
tatimolg@gmail.com

RESUMO: *Mariana* (1932), quinto livro do escritor mineiro Augusto de Lima Júnior, narra um momento de relevância histórica da primeira cidade de Minas Gerais, marcado por transformações em algumas de suas tradições religiosas e sociais, o que impacta diretamente a trajetória ficcional do protagonista da obra, Eugênio Harden. A trama se passa dez anos antes de sua publicação, em 1922, e apresenta vários elementos que podem ser discutidos em suas páginas no que tange às relações entre história e literatura. Nesse sentido, a partir das discussões de Mikhail Bakhtin (1998) sobre a teoria do romance e de Georgy Lukács (2011) sobre o romance histórico, este artigo tem como objetivo problematizar as relações entre história e literatura presentes na obra *Mariana*, além de analisar se ela pode ou não ser definida como um romance histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico; Augusto de Lima Júnior; Mariana; História e Literatura.

ABSTRACT: *Mariana* (1932), the fifth book by writer Augusto de Lima Júnior, narrates a moment of historical relevance for the first city of Minas Gerais, marked by transformations in some of its religious and social traditions, which directly impact the fictional path of its protagonist, Eugênio Harden. The plot takes place ten years before the book's publication, in 1922, and presents several elements that can be discussed regarding the relationship between history and literature. Thus, considering the discussions by Mikhail Bakhtin (1998) on the theory of the novel and by Georgy Lukács (2011) on historical novels, this work aims at problematizing the relationships between history and literature present in *Mariana*, in addition to analyzing whether or not it can be defined as a historical novel.

KEYWORDS: Historical novel; Augusto de Lima Júnior; Mariana; History and Literature.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mestre em Letras: Estudos da Linguagem pela UFOP.

1 Introdução

No dia 28 de fevereiro de 1932, o periódico carioca *Jornal do Commercio* lançou em suas páginas uma ampla crítica sobre o mais novo livro do escritor Augusto de Lima Júnior². Trata-se da obra *Mariana*, que narra em primeiro plano a história ficcional de Eugênio Harden, um jovem do Rio de Janeiro que passa a morar no interior de Minas, na cidade histórica cujo nome figura no título, para ficar sob a tutela de seu tio materno, Cônego Jeremias. O protagonista chega à cidade no momento do grande alvoroço causado pela morte do bispo Dom Silvério e das consequências da chegada do novo prelado, o que causaria intensas transformações nas tradições locais e impactaria diretamente a trajetória de Eugênio.

No início do século XX, vários jornais e revistas do Brasil apresentavam uma seção para divulgar lançamentos de livros enviados por escritores, editores ou livreiros, para que fossem anunciados e/ou recebessem artigos críticos elaborados pela redação. Hoje, essas seções dos periódicos permitem vislumbrar o fluxo de títulos, além de nos ajudar a perceber como jornais e revistas atuavam para promover determinados autores junto ao público (Bignotto, 2018, p. 16). No caso da nota crítica do *Jornal do Commercio* sobre o livro *Mariana*, alguns elementos interessantes são apresentados pelo articulista, que destaca, já nas primeiras linhas, uma certa dificuldade para se definir o gênero da narrativa, ao advertir: “É um romance histórico, uma história romanceada, ou a própria história amenizada por um entrecho ligeiro de romance. Cremos que a obra do Sr. Augusto de Lima Júnior deve ser incluída neste último modo” (Jornal do Commercio, 1932, p. 3).

A sequência da crítica evidencia outros elementos marcantes da obra, que são igualmente relevantes para o estudo que ora se apresenta, além de se configurar como memória de uma das recepções que ela obteve quando publicada em 1932:

O autor fez, sem dúvida, um trabalho de valor indiscutível e possui para o genero meritorias qualidades. [...] Mas o que vale principalmente neste romance é o conhecimento perfeito que o autor possui da historia da cidade veneravel [...]. / É esta cidade, nesse seu aspecto tranquillo, com as velhas igrejas, as maravilhosas obras de talha, com seus conegos, suas intrigas, [...], mas tambem com suas tradições de virtude [...] que o Sr. Augusto de Lima Junior evoca neste romance, que prende, faz ler num trato, levando o leitor a viver no ambiente simples, edificante. [...] / A narrativa, por diante serve para dar ensejo às descrições historicas, ás visões de arte colonial, á encantadora analyse da vida dos clerigos [...] / No correr de toda essa magnifica evocação da tradicional cidade mineira, há uma ligeira intriga amorosa, tão tenue, que desaparece antes de findar a novella; seus jovens protagonistas, envolvidos pelo ambiente religioso,

2 Augusto de Lima Júnior (1889-1970) foi um historiador, jurista, escritor e jornalista nascido na cidade mineira de Leopoldina. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Academia Mineira de Letras e de instituições congêneres no Brasil e em Portugal, ele foi também um dos fundadores da *Revista de História e Arte* (1963), juntamente com outros intelectuais de relevo no cenário mineiro do período. São de autoria de Lima Júnior algumas práticas simbólicas relacionadas à construção da memória de Minas Gerais, como a negociação do traslado ao Brasil dos restos mortais dos Inconfidentes exumados na África, a escrita do projeto que elevou a cidade de Ouro Preto a monumento nacional e a idealização da entrega da Medalha da Inconfidência, que ocorre ainda hoje em todo 21 de abril. Sua produção intelectual foi ampla, com mais de 30 obras publicadas dentro dos gêneros literário e historiográfico, além de inúmeros artigos jornalísticos (Gonçalves, 2021, p. 15-17).

seguem, um para a vida sacerdotal e outro para o convento do Carmo. [...] / É a própria alma da cidade tradicional, religiosa, ecclesiastica, que o Sr. Augusto de Lima Junior, com o pretexto de uma historia de amor insignificante, evoca e faz palpitar nessas paginas delicadas e emotivas de onde reçuma um suave perfume de mysterio e devoção (*Jornal do Commercio*, 1932, p. 3).

Como é possível observar, a crítica supracitada anuncia uma narrativa sobre a história da cidade, com seus costumes e paisagens, escrita sob o pretexto de “uma história de amor insignificante”, uma vez que a trama sobre o protagonista se torna diminuta em meio às constantes descrições sobre a primeira capital de Minas Gerais. O enredo de *Mariana* é tecido com personagens fictícias e reais, em meio a um evento integrante da memória recente da comunidade e apresenta, ainda, narrativas históricas sobre a cidade. Mas, afinal, seria esta obra um romance histórico? Como o romance opera com a representação do tempo na narrativa? A partir das discussões de Mikhail Bakhtin (1998) sobre a teoria do romance e de Georgy Lukács (2011) sobre o romance histórico, este artigo tem como objetivo problematizar as relações entre história e literatura presentes em *Mariana*, além de analisar se ele pode ou não ser definido como um romance histórico.

2 A história como gênero intercalado ao romance

Mariana apresenta, ao longo de vinte e dois capítulos, três eixos narrativos principais, que se articulam em sua estrutura, num jogo que alterna diferentes temporalidades e elementos ficcionais e factuais, quais sejam:

1) A morte do estimado bispo da igreja católica marianense, Dom Silvério, e a chegada do novo prelado que promove mudanças em algumas tradições locais, evento este da memória recente da cidade (posto que ocorrido, de fato, dez anos antes da publicação do romance, em 1922) e que serve de pano de fundo da trama, por meio do qual são apresentados vários elementos da memória coletiva e de costumes ligados à tradição católica da comunidade;

2) A intriga ficcional que gira em torno da personagem Eugênio Harden, que percorre a cidade observando a paisagem, a comunidade e os costumes locais em busca de uma saída para seus problemas, em especial, o de seguir ou não uma vida eclesiástica, dilemas estes que estão diretamente ligados ao pano de fundo da referida sucessão ocorrida no bispado;

3) Narrativas históricas sobre a ocupação do território marianense, a criação do primeiro bispado, a construção da Catedral da Sé e a criação do Seminário da Boa Morte. Os capítulos nos quais se desenvolvem essas narrativas são elaborados, visando a articular a citação de fontes documentais para se denotar um tom de veracidade dos fatos, juntamente com uma narrativa que enaltece os feitos de determinados períodos do passado.

A partir da observação desses elementos que compõem *Mariana*, é possível compreender o porquê de uma certa confusão sobre o gênero que o definiria, uma vez que ele apresenta, ancorando os três eixos narrativos que se intercalam em sua estrutura, a *memória*, a *ficção* e a *história*.

Mikhail Bakhtin (1998), ao se referir às dificuldades particulares que o estudo do romance apresenta, justamente pela singularidade do próprio objeto, afirma que ele se configura como um “gênero por se constituir, e ainda inacabado. [...] A ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada, e não podemos ainda prever todas as suas possibilidades plásticas” (Bakhtin, 1998, p. 397). O romance apresenta, inclusive, a possibilidade de parodiar gêneros, eliminar ou integrar outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes outro tom. Não parece fortuito, portanto, que Augusto de Lima Júnior tenha escolhido o romance, esse gênero híbrido, para narrar os eventos ligados às transformações ocorridas na comunidade marianense do início do século XX, juntamente com a história da cidade, seus costumes e memórias e ainda criar uma trama ficcional que une memória e história em uma obra literária. O plurilinguismo por gêneros intercalados é, portanto, algo marcante no romance *Mariana*.

De acordo com Bakhtin (1998), qualquer gênero, em princípio, pode ser introduzido na estrutura do romance, sejam os literários (como novelas, contos, poemas, entre outros), sejam os extraliterários (como textos históricos, religiosos, científicos etc.). Eles conservam sua elasticidade estrutural, sua autonomia, além da originalidade linguística e estilística quando introduzidos no romance. Existe, contudo, um grupo especial de gêneros que exercem um papel estrutural importante nos romances e podem determinar a estrutura do conjunto, criando variantes particulares do gênero romanesco, como a confissão, o diário, o relato de viagens, as cartas, entre outros. Eles podem não só entrar no romance como seu elemento estrutural básico, como também determinar a forma do romance como um todo (romance-confissão, romance-diário, romance-epistolar, etc.).

No caso de *Mariana*, assim como foi destacado pela crítica publicada no *Jornal do Commercio*, o autor opera com a história em toda a obra, fazendo com que este gênero seja intercalado em sua estrutura. Trata-se de narrativas que, a princípio, escapam ao eixo da trama romanesca e apresentam a história da ocupação do território marianense, a criação do bispado local, ou ainda a construção de algumas edificações religiosas. O terceiro capítulo do livro, intitulado “As glórias do Ribeirão do Carmo”, é um exemplo da narrativa histórica que compõe o romance e do qual se extrai o seguinte fragmento, que dá início ao capítulo:

Em 1698, João Lopes de Lima, morador em Atibaia, em São Paulo, [...] descobriu e ocupou o ribeirão que denominou de Nossa Senhora do Carmo, por nêle ter chegado a 16 de julho do ano citado [...]. / [...] Como um presságio dos destinos gloriosos da cidade ilustre que se perpetuaria nas margens do ribeirão riquíssimo, profetizando a primazia espiritual, perpétua e indestrutível dêsse recanto lendário, sôbre tôda a terra mineira, aí se erguera a primeira capela definitiva, o primeiro templo cristão, onde a hóstia se ergueria em holocausto perene à salvação dos povos, através das idades, na doce Minas Gerais. / O Ribeirão do Carmo foi se povoando em suas margens, e enriquecendo seus moradores. O arraial cresce; as igrejas, as capelas, as casas vão surgindo, vão se aglomerando e a prosperidade abarrotou as algibeiras. / [...] O Arraial do Carmo recebe Albuquerque, que o eleva à categoria de Vila, em 8 de abril de 1711. Povoase Minas Gerais. / [...] Em vinte e três de abril de 1745, propunha D. João V à Santa Sé, a criação do Bispado, nessa mesma data elevando a Vila do Carmo à hierarquia de Cidade, porque o bispo não podia ser vilão... [...] (Lima Júnior, 1966, p. 31-32).

É possível observar nos trechos historiográficos apresentados na obra um forte apelo às “glórias” de um passado determinado, o enaltecimento da religiosidade católica, juntamente à necessidade de atribuir provas documentais para conferir veracidade aos fatos narrados. Nesse sentido, algumas páginas sobre a história local são compostas através da utilização de fontes referenciadas, como, por exemplo, os trabalhos do historiador marianense Cônego Raimundo Trindade, ou mesmo por meio do relato encomiástico escrito no século XVIII pelo clérigo Francisco Ribeiro da Silva, denominado *Áureo Trono Episcopal*.

O livro de Raimundo Trindade, *História da Arquidiocese de Mariana*, é citado como fonte em nota de rodapé no capítulo 13, intitulado “O Seminário de Mariana”, dedicado a narrar a história da instituição e os acontecimentos mais marcantes desde a sua fundação. Já o documento histórico *Áureo Trono Episcopal*, que narra os festejos de posse do primeiro bispo de Mariana (Dom Frei Manoel da Cruz, em 1748), foi mencionado como fonte no próprio corpo do texto. Três páginas do romance *Mariana* são dedicadas a citar diretamente, entre aspas, trechos do documento setecentista. As demais páginas historiográficas apresentadas no romance não aparecem com seus escritos entre aspas, o que pressupõe, embora não se possa confirmar tal hipótese, que tenham sido escritas pelo próprio autor do romance, que também era historiador, seja com base em suas próprias pesquisas arquivísticas, seja por meio de consultas a livros de renomados historiadores mineiros que escreveram sobre a cidade de Mariana à época, como, por exemplo, o historiador marianense Salomão de Vasconcelos, autor de várias obras sobre a primeira capital de Minas³.

É interessante notar que, ao longo dessas narrativas históricas, o narrador remonta ao passado de Mariana nos séculos XVII e XVIII, utiliza fontes documentais entre aspas, em alguns casos, e finaliza o texto retornando ao tempo presente, o que oferece a ideia de um continuum no tempo. Tempo este que está em vias de ser interrompido pelas transformações nas tradições seculares que irão dividi-lo, e que aludem à trama do romance. O trecho a seguir, extraído do capítulo que apresenta a história da criação da Vila do Carmo (que antecede a cidade de Mariana) e de seu primeiro bispado, é um exemplo disso:

“De uma para as duas horas depois do meio-dia, entrou S. Excelência na cidade, cujos moradores se felicitavam uns aos outros com muitos parabéns de verem completas as suas esperanças, com a venturosa posse de seu Excelentíssimo Prelado. / [...]” / “Isto continuou variamente alegre e luzido espetáculo em agrado dos olhos; em lisonja dos ouvidos se oferecia ao mesmo tempo a contenciosa harmonia dos sinos e concertos de música, que publicamente pelas ruas e casas, competiam com as métricas vozes dos poetas, os quais, principalmente, debaixo das janelas e junto do Palácio de S. Excelência, explicavam em discretos metros, o elevado motivo de tanto júbilo.” / O Clérigo, Presbítero e Cônego da Nova Sé Marianense, Francisco Ribeiro da Silva, autor da memória descritiva, *Áureo Trono Episcopal*, donde se extraíram os trechos acima, descreve em seguida as ornamentações [...] / E prosseguiram as festas e, no final delas, pôde o Sr. D. Frei Manoel da Cruz iniciar o govêrno do seu rebanho, govêrno êsse que foi dos

³Em 1965, Lima Júnior registrou o que seria sua filiação intelectual no prefácio da 3ª edição do seu livro de maior destaque, *A Capitania das Minas Gerais*. Em suas palavras, “O grupo de historiôgrafos mineiros, a que pertenço, orienta-se pelo exemplo desse grande mestre que é Salomão de Vasconcelos, o admirável pesquisador [...]” (Lima Júnior, 1978, p. 9). Convém destacar também a dedicatória que o escritor faz ao referido historiador marianense na segunda edição do livro *Mariana*: “À memória do grande historiador Salomão de Vasconcelos, homenagem do autor” (Lima Júnior, 1966, p. 07).

mais profícuos em resultados espirituais e materiais para a diocese a que êle serviu com ânimo dedicado. / *Guardou a velha cidade a lembrança do cerimonial tão nobre e manteve-o, embora sem o luxo primitivo, até D. Silvério Gomes Pimenta, o último Bispo que chegou a cavalo, em Mariana.* (Lima Júnior, 1966, p. 34-37)⁴

A narrativa protagonizada por Eugênio é interrompida quando se inicia este capítulo, que apresenta a história da criação do bispado e a chegada do primeiro bispo em Mariana por meio da citação direta do documento setecentista *Áureo Trono Episcopal*, articulada com a voz do narrador do romance, que encerra o capítulo a reforçar a ideia de que, por quase trezentos anos, a tradição do cerimonial de posse dos bispos marianenses se manteve a mesma – “até D. Silvério Gomes Pimenta, o último Bispo que chegou a cavalo, em Mariana” (Lima Júnior, 1966, p. 37), situação essa da memória recente da cidade e que se relaciona com o desenrolar da trama do romance. Afinal, é a morte de D. Silvério e a chegada de seu substituto que causa um alvoroço na cidade e vai repercutir na vida de Eugênio Harden, personagem fictícia em torno do qual a trama se desenvolve⁵.

Já no capítulo em que se narra a história do seminário de Mariana, por intermédio de uma mistura de vozes e de tempos narrativos, o narrador novamente retorna ao século XVIII, utiliza em citação direta trechos do livro *História da Arquidiocese de Mariana* e finaliza o capítulo a retomar a trama ficcional, no tempo presente, sobre a personagem Eugênio, que estaria prestes a entrar para o seminário a contragosto e cheio de paixões:

Dois anos depois de sua posse, aos vinte dias do mês de dezembro de 1750, fundava-se em Mariana o Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, título com que se abriu e que até hoje conserva. / “O Seminário de Mariana é o estabelecimento de instrução e de educação mais antigo e de maiores créditos no Estado de Minas e foi, num período de quase cem anos, o único a beneficiá-lo com a instrução de seus filhos. [...]” / [...] / Lazaristas! Filhos de S. Vicente, recebi Eugênio, o sobrinho do velho Cônego Jeremias que a Providência Divina nos vai pôr nas mãos. / Cuidado com êle, que o Demônio está vigilante e disputa-o à glória de Deus (Lima Júnior, 1966, p. 101-106).

Um aspecto também a ser levado em conta na composição de *Mariana* é o de que alguns moradores da cidade, à época da morte do bispo Dom Silvério, pano de fundo da trama, tornaram-se personagens do romance e tiveram nele seus nomes “velados por pseudônimos”, nas palavras do autor, por ainda estarem vivos quando se torna pública a primeira edição do livro, dez anos depois dos eventos narrados (Lima Júnior, 1966, p. 9). Percebe-se, contudo, que, embora o autor informe que usará pseudônimos, não há, de fato, esforço para esconder a identidade do sujeito apresentado como personagem.

4Grifos meus. Como se pode notar, o fragmento faz referência aos eventos ocorridos no século XVIII, à exceção de sua última parte, que apresenta o contexto da obra, já no século XX.

5No romance, a primeira ideia do tio de Eugênio, quando este passou a morar na cidade de Mariana sob sua tutela, seria conseguir, com auxílio de Dom Silvério, que ele ingressasse na Escola de Minas de Ouro Preto e encontrasse um trabalho na região. Com a morte do bispo, contudo, Cônego Jeremias não viu outra saída a não ser induzir o sobrinho a entrar para o Seminário que havia na cidade, a fim de seguir carreira eclesíastica. Eugênio, jovem vindo da capital do país, acostumado com uma vida cosmopolita, nada simpatizou com essa ideia, apaixonou-se por uma moça da cidade e, diante da tensão entre entrar ou não para o seminário, passou a percorrer a cidade, em contato mais direto com sua comunidade, seus costumes e paisagens (Gonçalves, 2021).

O recurso serve mais como piscadela para o leitor: trata-se de uma história com forte teor documental.

Assim, com base em tais elementos apresentados na obra, eis que surge a seguinte pergunta: seria *Mariana* um romance histórico, por apresentar matéria de extração histórica de maneira tão destacada em sua estrutura narrativa, além de relacionar personagens fictícias com personagens reais? Afinal, quais características definem um romance histórico? Para essa discussão, convém recorrer à teoria de Georgy Lukács (2011), além de outros autores que se debruçaram mais recentemente sobre o tema.

3 *Mariana* é ou não um romance histórico?

Embora nos séculos XVII e XVIII já houvesse romances com temática histórica, o romance histórico, como se sabe, surgiu no início do século XIX com a publicação da obra *Waverley*, de Walter Scott, em 1814. O surgimento da obra de Scott teve como base as transformações ocorridas em toda Europa naquele período, pois entre 1789 e 1814, as nações europeias viveram mais revoluções do que em séculos inteiros, a começar com a Revolução Francesa, depois as guerras revolucionárias e, por fim, a ascensão e a queda de Napoleão. A celeridade das mudanças teria feito da história uma experiência das massas em escala europeia, fortalecendo o sentimento de que existe uma história, de que ela é um processo ininterrupto de mudanças e de que ela interfere diretamente na vida de cada pessoa (Lukács, 2011). Essas foram as bases, segundo Lukács (2011), que possibilitaram o surgimento do romance histórico scottiano que, diferentemente da concepção romântica, segundo a qual as grandes personagens da história deveriam ser os heróis principais, configurar-se-ia como continuação direta do romance social realista do século XVIII.

Walter Scott representa em seus romances as grandes crises da vida histórica da sociedade, com destaque para potências sociais inimigas que visam a destruir-se mutuamente. Daí a importância composicional do seu protagonista intermediário, justamente porque este tem por tarefa mediar os extremos da luta que ocupa o romance, colocando em contato os dois lados do conflito. “Por meio da trama, que tem esse herói como ponto central, procura-se e encontra-se um solo neutro sobre o qual forças sociais opostas possam estabelecer uma relação humana entre si” (Lukács, 2011, p. 53).

Lukács esclarece que, ao figurar as crises históricas da vida nacional, o grande objetivo ficcional de Scott é “mostrar a grandeza humana que se desnuda em seus representantes significativos, a partir da comoção de toda a vida da nação” (Lukács, 2011, p. 70). O romance histórico não seria constituído, portanto, de um simples relato dos grandes acontecimentos históricos. Mais do que isso, nele se operaria o “despertar ficcional” dos homens que os protagonizaram, ao figurar as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, representando o acontecimento em sua realidade histórica (Lukács, 2011, p. 60). Diferentemente da maneira romântica, que explica uma época por meio de seus grandes representantes, o romance scottiano preocupa-se em apresentar o ser da época com base na figuração da vida cotidiana do povo, com suas alegrias, tristezas, crises e desorientações. No limite, o que importa para o romance histórico é

evidenciar, por meios *ficcionais*, a existência, o ser-precisamente-assim das circunstâncias e das personagens históricas. O que em Scott se chamou de maneira muito superficial de ‘verdade da atmosfera’ é, na realidade, essa evidência ficcional da realidade histórica. É a figuração da ampla base vital dos acontecimentos históricos, com suas sinuosidades e complexidades, suas múltiplas correlações com as personagens em ação (Lukács, 2011, p. 62).

Em escala mundial, Scott se tornou um dos escritores mais populares e mais lidos de seu tempo, influenciando fortemente toda a literatura europeia. Os escritores mais significativos do período encontraram caminhos em sua produção por meio da figuração histórica scottiana. Mas foi Balzac, segundo Lukács (2011), que desenvolveu de maneira mais evidente o impulso que Scott deu ao romance, criando um tipo superior e inédito de romance realista. Em suas palavras:

A influência de Walter Scott sobre Balzac é extraordinariamente forte. Pode-se dizer até que a forma específica do romance balzaquiano surgiu durante uma discussão ideológica e artística com Walter Scott. [...]. Em Balzac, o centro do enredo não é ocupado pelos chefes aristocráticos da revolta reacionária dos camponeses, tampouco por um grupo de líderes da França republicana, mas, *por um lado, pelo povo primitivo, atrasado, supersticioso e fanático da Bretanha e, por outro, pelo simples soldado da República, profundamente convicto e modestamente heroico* (Lukács, 2011, p. 106).

Com Balzac, portanto, a era do romance histórico clássico se encerra. Ele retorna, sim, mas de um jeito diferente, agora com a representação da sociedade contemporânea, o que, para Lukács (2011), seria a elevação do romance histórico a um patamar superior.

A temática histórica de Walter Scott expressa apenas o sentimento de que a verdadeira compreensão dos problemas da sociedade do presente só pode surgir da compreensão de sua pré-história, da história do surgimento dessa sociedade. Por essa razão, como vimos, esse romance histórico, como expressão ficcional da historização do sentimento da vida, da compreensão cada vez mais histórica dos problemas da sociedade presente, conduziu a uma forma mais elevada do romance com temática contemporânea, como em Balzac e Tolstói (Lukács, 2011, p. 282).

Sendo assim, a partir da leitura da obra de Lukács (2011) – que aponta as características do romance histórico de Scott e de como Balzac, sob a influência deste, teria se concentrado na representação da sociedade contemporânea no romance – convém retornar ao romance de Augusto de Lima Júnior, a fim de observar alguns aspectos em comum.

Como já foi dito anteriormente, *Mariana* apresenta um enredo que decorre em um tempo de transformação social ocasionada pela morte do bispo da cidade e pela chegada do sucessor, que decide romper com algumas tradições locais mantidas por séculos – mais precisamente, desde a fundação do bispado, que, por sua vez, coincide com a criação da própria cidade. A celeridade das mudanças faz, portanto, com que o presente se torne histórico, em um tempo que une passado e futuro em lados sociais opostos. Para se compreender os problemas da sociedade no presente, a história da comunidade é narrada desde o seu início, em capítulos que se mesclam com a narrativa ficcional. A maneira como

o romance é iniciado reflete bem a tentativa de representação de um passado, de um tempo que é histórico. Trata-se de uma narrativa que, visivelmente, busca ser reconhecida também como documento, posto que mimetiza o modo de escrita de várias fontes históricas setecentistas⁶.

Nesse sentido, é interessante pontuar o que Alcmeno Bastos (2007) chama de um “hibridismo incontornável” que acompanha o romance histórico: como romance, é ficção, já que a matéria narrada resulta da livre invenção do escritor e delega “a um narrador, normalmente em terceira pessoa, a responsabilidade pela mimese do real humano”; e, como histórico, escapa dos limites da ficcionalidade e se pretende documento, uma vez que nele o leitor reencontra “elementos verídicos (datas, nomes, eventos, lugares etc.) tomados de empréstimo à história” (Bastos, 2007, p. 67).

Assim como ocorre nos romances históricos de Scott, ou nos romances de Balzac, *Mariana* apresenta o ser da época, o povo, em sua vida cotidiana, com suas alegrias e tristezas, seus costumes e ideias. As crises da vida histórica da sociedade, com destaque para potências sociais opostas, são também representadas no romance: de um lado, têm-se o clero local e a comunidade católica da cidade, que, na obra, não aceitam as mudanças promovidas pelo novo bispo; e, de outro, encontra-se D. Salesius, que aposenta os velhos padres e cônegos e inicia uma série de reformas nas edificações eclesiásticas, além de romper com importantes tradições.

O fragmento a seguir evidencia o desconforto do clero local com a primeira e contundente mudança promovida por Dom Salesius. De imediato, ele rompe com uma tradição de mais de dois séculos, ao fazer sua entrada triunfal na cidade em um trem, metáfora do progresso e da modernidade, em vez de vir a cavalo, como era o costume até então:

– [...] Está tudo perdido! Retrucou o Cônego. Pois não é que S. Ex.^a anuncia que vem de trem-de-ferro! Como é que há de ser o cerimonial! O telegrama também está numa linguagem um tanto profana... Êstes “abraços” não são do ritual! / Estamos diante de uma hipótese nova, esta do Arcebispo! Até D. Silvério a coisa era outra! Ia-se à divisa do município ao encontro do prelado e de lá vinha êle, cercado do séquito de cavaleiros, foguetes, música, padres, povo, etc. Agora vem êste de trem-de-ferro! É a primeira vez que isso se dá. Vou convocar o Cabido, e decidir com êle, qual a atitude que deveremos tomar (Lima Júnior, 1966, p. 62-63).

Em outro momento da trama, o assunto da chegada do bispo por trem é discutido pelo clero, que se reúne para tratar especificamente deste assunto polêmico:

Expôs, então, o Cônego Jeremias a delicadeza do caso sôbre que eram chamados a resolver: / – Desde a fundação do Bispado, os Prelados vinham a cavalo de Ouro Preto, sendo recebidos com o cerimonial conhecido de todos, conforme era de uso secular. Agora, porém, com o trem-

⁶Referindo-se ao dia da morte de Dom Silvério, que é o tempo presente do romance, no ano de 1922, assim se inicia o primeiro capítulo, intitulado “Uma tarde triste”: “Naquela tarde, morna e cinzenta, de trinta de agosto do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, novecentos e vinte e dois, pairava pelos ares da leal Cidade de Mariana uma tristeza incerta que contaminava tudo” (Lima Júnior, 1966, p. 15). Ora, a utilização de frases como “ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, [...]”, ou “leal Cidade de Mariana” são recorrentes na abertura de documentos oficiais do século XVIII e XIX, como testamentos, termos de irmandades, atas de câmara, entre outros – expressões estas que aparecem no romance após o uso do adjunto adverbial de tempo “Naquela tarde”, que desloca o leitor do presente para uma viagem a um tempo passado.

-de-ferro ali, a coisa ia ser inteiramente transtornada. [...] Além disso, tratando-se de um modo nôvo de “chegar”, não previsto nos formulários antigos que se referiam apenas à chegada do prelado “a cavalo”, êle [o Cônego Jeremias] não queria assumir a responsabilidade de *alterar costumes imemoriais*, sem que fôsse apoiado pela autoridade de seus pares. / [...] E como não havia mais a deliberar, dissolveu-se a reunião, notando-se em todos os semblantes uma certa esperança no êxito da missão Fraga. Êste, arrumou as malas e partiu célere para encontrar-se com seu nôvo pastor e fazer-lhe ver a inconveniência de quaisquer inovações que poderiam trazer desgostos a S. Ex.^a, que não deveria chegar logo, quebrando velhas tradições. / Três dias depois do embarque do Cônego Fraga chegou um telegrama seu, avisando de que o Prelado não concordava com as sugestões do Cabido e que iria mesmo de trem. / Foi um pânico em Mariana e contra essa deliberação ergueu-se um clamor geral de santa indignação. Chorou-se então, mais do que nunca a morte de D. Silvério (Lima Júnior, 1966, p. 78-79).

Já o próximo excerto, que dá início ao capítulo intitulado “A renovação”, mostra a perspectiva do novo bispo diante do que ele considerava arcaico dentro do bispado de Mariana:

Mal se empossara o nôvo bispo, e ei-lo dedicado às mais intensas atividades. / Comovera-se ante os sofrimentos dos velhos cônegos, arrastando-se penosamente para satisfazerem seus deveres, e tratou de aposentá-los, conservando-lhes as prerrogativas e vantagens. Para seus lugares, no côro, vinham outros mais moços e ágeis, que pudessem trabalhar na renovação que as necessidades e o prestígio da Igreja exigiam. / No antigo palácio ia uma azáfama intensa de arrumação, catalogação e limpeza nos arquivos, nos velhos móveis, enquanto, pelos telhados, pedreiros e carapinas remendavam a velharia, escorando traves e vedando goteiras. No alto de São Pedro amontoavam-se pedras, cal, materiais diversos e as velhas igrejas eram inspecionadas cuidadosamente para que se lhes remediasse o estado. Circulares, boletins dirigiam-se ao clero, com avisos, conselhos e advertências, para que o serviço de Deus se realizasse de acôrdo com os preceitos e para que cada pároco sentisse que seu Pastor era vigilante. / Tal movimento causara profundos aborrecimentos a quase tôda a gente, que, sem analisar com isenção, ou talvez por incapacidade de julgar, preferia simplesmente condenar o autor de tudo aquilo com um anátema: / - Fiteiro (Lima Júnior, 1966, p. 87).

E aí entra a importância composicional do protagonista intermediário do romance, Eugênio, que tem por objetivo mediar os extremos da luta, colocando em contato os dois lados do conflito, ao circular entre um ambiente e outro, em uma tensão constante. Por um lado, ele começa a se afeiçoar à figura de Dom Salesius, que representava para ele o que poderia haver de mais moderno dentro do catolicismo:

Eugênio, no meio daquela atmosfera hostil que se ia formando em tórno de D. Salesius, começava a sentir uma intensa simpatia por êle, colocando-se francamente ao seu lado em tôdas as discussões que se tratavam na cidade, a propósito da deliberação que tomara de chegar de trem e não a cavalo. A idéia de um Bispo môço, alegre, progressista, livre em suas deliberações, sem preconceitos, nem superstições, entusiasmava-o e conquistava-lhe a boa-vontade” (Lima Júnior, 1966, p. 79).

Por outro lado, Eugênio não tem a intenção de magoar seu velho tio Cônego, que lhe impunha a entrada para o seminário, e isso pode ser notado em suas conversas com o próprio bispo Dom Salesius:

Sopitando a emoção que lhe perturbava a palavra, esforçou-se Eugênio por narrar [a Dom Salesius] a sua contrariedade.

[...]

- Coitadinho! Por que não me disse isso há mais tempo! Querer casar-se com Isaura não é crime! Posso até ajudar as coisas! A entrada para o seminário fica cancelada! Vamos pensar em outra coisa...

- Não D. Salesius! Isso magoaria meu tio. Esperemos que ele morra (Lima Júnior, 1966, p. 111-112).

Assim, com base em tais elementos apresentados pela obra, é possível classificar *Mariana* como um romance histórico, com uma estrutura narrativa que se assemelha à dos romances históricos do século XIX. Contudo, convém destacar que o romance de Lima Júnior representa eventos ocorridos apenas dez anos antes de sua publicação, sendo, portanto, contemporâneos ao tempo de vida do autor, o que pode ser considerada uma questão polêmica dentro da conceituação do gênero.

O distanciamento cronológico em relação à realidade histórica evocada, exigido por uma grande parte dos críticos e teóricos para que um romance seja qualificado como histórico, é um assunto ainda controverso dentro da Teoria e da Crítica Literária (Santos, 2012). Assim, é possível que esta seja a grande problemática referente à conceituação do romance histórico, uma vez que, segundo Santos (2012), essa exigência de que o tempo retratado no romance seja um período não vivido pelo romancista tornou-se, em certa medida, mais importante que o diálogo estabelecido pela narrativa com a história.

Para compreender esta questão, Donizeth Santos (2012) recorre à obra de Lukács, que, no limite, definiu as bases teóricas do gênero, e esclarece que, para o teórico húngaro, “importa para um romance ser histórico não o fato histórico em si, e sim as transformações que ele provocou na vida de uma determinada sociedade numa determinada época”. O mais importante, então, é que o autor “represente literariamente como as pessoas que viveram um acontecimento histórico foram afetadas por ele e como reagiram a ele, através do entrelaçamento entre história e ficção” (Santos, 2012, p. 190). Em suas palavras,

Dessa forma, para Georgy Lukács o fator determinante de um romance histórico é o modo de representação literária e a maneira com que a ficção dialoga com a história e não o distanciamento temporal entre o fato narrado e o período de vida do autor. Sendo assim, desde que haja a especificidade histórica do tempo da ação condicionando o modo de ser e agir das personagens, conforme observou Marilene Weinhardt (1995), com a interseção entre os acontecimentos históricos e as exigências individuais agrupadas em sociedade, segundo Frederic Jameson (2007), um romance pode ser considerado histórico mesmo que aborde um período diretamente vivido pelo escritor, como mostra o exemplo de Balzac (Santos, 2012, p. 191-192).

Tudo leva a crer, segundo Santos (2012), que a delimitação temporal como requisito primordial para a conceituação do romance histórico tenha sido inaugurada com um ensaio publicado sobre o tema pelo espanhol Amado Alonso, em 1942, e que foi interpretado posteriormente por Donald McGrady,

em 1962, como sendo o subgênero uma narrativa que representa um modo de vida passado a um tempo anterior ao autor. Desde então, vários outros teóricos lançaram discussão sobre o tema, entre os que corroboram e os que refutam a ideia. Porém, a definição que mais tem causado polêmica e que aponta o distanciamento cronológico entre fato narrado e o tempo de vida do autor como necessário para a conceituação do romance histórico é a do argentino Enrique Anderson Imbert, publicada em 1951 e constantemente evocada por outros teóricos dos anos 1990 em diante (Santos, 2012, p. 192-193).

O debate sobre a questão continua vivo, e alguns outros estudos têm discutido a polêmica do distanciamento temporal, lançando considerações sobre sua impertinência. É o caso, por exemplo, de Frederic Jameson (2007), em “O romance histórico ainda é possível?”, para quem o que conta é a abordagem de um grande acontecimento histórico entrelaçado com a ficção. Jameson afirma que o romance histórico não deve mostrar existências individuais ou acontecimentos históricos, mas a “interseção de ambos: o evento precisa trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos”. Ele não será, portanto, a descrição dos costumes e valores de um povo em um determinado momento histórico, ou a história das vidas de indivíduos comuns em situações de grandes crises, ou a história privada das grandes figuras históricas. O gênero pode incluir todos esses aspectos, mas apenas sob a condição de que eles tenham sido “organizados em uma oposição entre um plano público ou histórico (definido seja por costumes, eventos, crises ou líderes) e um plano existencial ou individual representado por aquela categoria narrativa que chamamos de personagens” (Jameson, 2007, p. 191-192).

Outro estudo que retoma a discussão sobre a contemporaneidade entre a vida do autor e os fatos narrados é o de Almeno Bastos (2007). Nele, além de buscar uma explicação para a exigência de que a matéria narrada no romance histórico esteja distanciada no tempo, Bastos vai de encontro a esta ideia e chega a classificar como “insólita” a separação dos romances que compõem a trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, entre romances históricos ou não, pelo fato de apenas um deles abordar acontecimentos passados e dois deles narrarem eventos contemporâneos ao autor (Bastos, 2007, p. 197-199).

Bastos apresenta uma conceituação da modalidade que pode ser ancorada nos seguintes pontos: a matéria narrada deve ser de extração histórica e deve integrar o acervo de memórias de uma comunidade, “de modo a permitir o reconhecimento dos componentes que já eram familiares ao leitor medianamente informado sobre a vida social, histórica, dessa comunidade”; a trajetória das personagens relevantes da trama deve ser “associada de modo inextricável ao destino político da comunidade de que façam parte, quer seja atribuída a essas personagens a função de elemento determinante do processo histórico, quer apareçam elas como elementos determinados por esse processo histórico”; deve haver também “a presença de marcas registradas, isto é, nomes próprios (de pessoas, de instituições, de eventos), datas históricas, topônimos etc.” que sejam reconhecíveis pelo leitor informado sobre a história da comunidade; “a matéria narrada deve ser ‘remota’, a despeito da impossibilidade de se determinar com precisão cronológica a remotividade de um fato histórico”; e, por fim, “a narrativa deve apresentar um tom conclusivo quanto aos eventos históricos focalizados” (Bastos, 2007, p. 67).

Assim, com base no conjunto de teóricos supracitados, compreende-se que a especificidade do romance histórico está no modo de representação literária que entrelaça ficção e história, ao se narrar

como um determinado evento histórico condicionou o modo de ser e agir das pessoas afetadas por ele, mesmo que aborde um período diretamente vivido por seu autor, como é o caso da obra de Augusto de Lima Júnior. Neste sentido, é possível afirmar que *Mariana* é um romance histórico, tal qual os romances de Balzac, que representam o contemporâneo também como histórico. Para se compreender os problemas do presente, buscou-se narrar, em *Mariana*, a história da comunidade desde o seu início. Trata-se da crise histórica da comunidade (que, com as intensas transformações do contexto em questão, vê sendo quebradas algumas de suas tradições mais antigas) e a representação dos costumes locais, por meio de uma trama ficcional que se entrelaça à história e à memória da cidade, além de trazer um protagonista intermediário que coloca em contato os lados opostos que são apresentados em conflito.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- GONÇALVES, Tatiana Mol. "Fixar a vida da ilustre cidade": a representação da memória em Mariana, romance de Augusto de Lima Júnior. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.
- JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos estudos Cebrap*. São Paulo, n. 77, p. 185-203, mar., 2007.
- JORNAL DO COMMERCCIO, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1932, p. 3. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 02 mai. 2019.
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Mariana*. 2ª ed. Belo Horizonte: Edição do autor, 1966.
- LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- SANTOS, Donizeth. O romance histórico e a problemática do distanciamento temporal entre o fato narrado e o período de vida do autor. *Línguas & Letras*. Vol. 13, nº 25, p. 187-203, 2º sem. 2012.

Artigo enviado em: 8 de março de 2024

Artigo aceito em: 20 de maio de 2024